

O TRABALHO NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO DISCURSIVO SEM-TERRA

*José Antônio ALVES JÚNIOR**

Considerações Iniciais

O estudo que ora se propõe insere-se na Análise do Discurso de linha francesa preconizada por Michel Pêcheux, e o objetivo principal é o de analisar os sentidos do lexema *trabalho* na formação discursiva do Sem-Terra. Para o cumprimento desta atividade, iniciamos buscando compreender os conceitos essenciais desse campo de conhecimento, tendo em vista a sustentação teórica de nossa proposta. Assim, elencaremos conceitos integrantes da teoria discursiva, como: *discurso, sentido, formação ideológica, formação discursiva, memória, enunciado*, entre outros que se fizerem necessários, a fim de buscar uma sustentação para a análise dos fragmentos de entrevista com Sem-Terra do Triângulo Mineiro, nos quais encontramos o lexema *trabalho*, e que constituem o *corpus* para nosso estudo¹.

Inicialmente, apresentaremos o percurso teórico, pela Análise de Discurso, tomado como subsídio para a análise do *corpus*. Todos os conceitos arrolados vinculam-se a reflexões em torno do discurso do Sem-Terra. Para, então,

* Graduando em Letras - Instituto de Letras e Linguística/Universidade federal de Uberlândia.
khalydhoor@yahoo.com.br

¹ Este estudo resulta de um projeto de iniciação científica desenvolvido na UFU, financiado pela FAPEMIG por meio da concessão de bolsa (PIBIC-UFU-FAPEMIG), sob orientação do Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes, coordenador do projeto de pesquisa intitulado “Interação Social e Formação Discursiva do Sem-Terra”, ao qual nosso estudo vincula-se.

procedermos à análise dos fragmentos que constituem o *corpus* deste estudo e apresentarmos nossas conclusões.

As Condições de Produção do Discurso: o social, o histórico e o ideológico na linguagem

Para a exposição do arcabouço teórico de nosso estudo, procuraremos compreender inicialmente o discurso como o objeto de estudo da Análise do Discurso, uma vez que, tomado como objeto de investigação científica implica considerações teórico-metodológicas que o diferenciam de acepções do senso comum e o peculiarizam na área em questão. Para entendermos o processo de constituição do discurso, partiremos das palavras de Fernandes (2005, p. 20):

discurso não é a língua, nem texto, nem a fala (...) encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente lingüísticas. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas.

Discurso implica uma exterioridade à língua e uma materialidade lingüística. Analisar o discurso consiste-se em observar os aspectos sociais, ideológicos e históricos na fala de sujeitos, em processo de interlocução, o que nos revela como são várias as formas de se significar com a linguagem, ou ainda, o modo social de grupos, em especial os Sem-Terra, alvo desta pesquisa, expressarem a sua relação com o lugar social em que se encontram integrados. É fundamental a essa noção a produção do sentido decorrente da inscrição da língua na história.

A palavra discurso é sinônimo de movimento, porque a produção de sentido, imprescindível à noção de discurso, nos leva a acreditar que as palavras não possuem sentido em si mesmas, mas na relação com o lugar

socioideológico em que se encontram inseridas. A esse respeito, reportamo-nos a Orlandi (1999, p.15):

Discurso é assim, palavra em movimento, prática da linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando e ainda (...) a noção de discurso se distancia da noção de fala, porque não é só a transmissão de uma informação. Trata do processo de constituição dos sujeitos e a produção de sentidos.

Para avançar em nossas reflexões acerca de discurso, vejamos a importância da interação na construção das relações dos sujeitos entre si e com o mundo. Para tanto, recorremos às reflexões arroladas por Bakhtin (1992). Segundo esse autor, o sujeito não pode ser visto de uma forma individualizada, mas considerado um ser social integrado a um espaço coletivo, constrói sua relação com outros sujeitos e com o mundo utilizando-se da palavra. As relações de trabalho, as cerimônias religiosas, os vínculos de amizade, a relação com os pais, os filhos, o companheiro(a), as comemorações festivas, etc, seriam impossíveis sem a interação entre os sujeitos. Temos, então, a certeza de que os sujeitos são constituídos a partir da interação verbal em diferentes segmentos da sociedade. Dessa forma, o Sem-Terra, socialmente constituído num movimento de luta por terra, só pode formar um movimento de luta mediante o diálogo/interação de sujeitos envolvidos na luta, com os quais formam um grupo social, e com outros sujeitos, também socialmente organizados. As relações da vida cotidiana são possíveis somente por meio da interação verbal social dos sujeitos. Assim, as relações sociais, partindo-se do entendimento de que a língua é social, constroem as ações dos sujeitos.

A partir da noção de que a interação verbal é orientada pelo contexto social, Bakhtin (1992) contesta o pensamento filosófico-lingüístico da teoria denominada

subjetivismo-individualista, que acredita que a construção do pensamento se dá no interior (psíquico) do sujeito e o exterior, onde se situa o social, é apenas o local em que os pensamentos são exteriorizados por um código.

Todas as forças criadoras e organizadoras da expressão estão no interior. O exterior constitui apenas o material passivo do que está no interior. Dessa corrente resulta que (...) a explicação do fato ideológico deve dirigir-se para o interior (Bakhtin, 1992, p. 112).

Contrapondo-nos à corrente subjetivista, concordamos, como forma de atestar nossas idéias, com Bakhtin ao defender que

o pensamento não existe (...) fora da orientação social (...). A personalidade que se exprime, apreendida, por assim dizer, do interior, revela-se um produto total da inter-relação social. A atividade mental do sujeito constitui (...) um território social. (Bakhtin, 1992, p. 117),

ou seja, o pensamento é construído pela instância social em que o sujeito se insere.

A partir das reflexões de Bakhtin, vimos que a interação verbal dos sujeitos é de natureza social, a manifestação de nossos pensamentos não provém do interior de nossa alma, mas da vivência em grupo com outros sujeitos, construída pelo exterior, lugar de onde somos ideologicamente constituídos.

Voltando a discorrer sobre o discurso, vemos que uma palavra, na nossa língua, pode ser empregada por diferentes sujeitos, produzindo sentidos diversos. Trata-se do efeito de sentido entre sujeitos que se encontram em perspectivas sociais diferentes. Um sujeito, ao assumir determinada posição acerca de um tema, revela posição oposta a sujeitos inscritos em outras formações ideológicas.

Conforme atesta Orlandi (1999), essas divergências entre ideologias contribuem para a formação do sentido. Como exemplo, tomemos o substantivo *terra*, que, para o sujeito Sem-Terra e um fazendeiro latifundiário, produz sentidos opostos (FERNANDES, 2003a). O sujeito Sem-Terra, ao enunciar a palavra *terra*, apresenta-a como forma de obtenção do seu sustento e garantia de reintegração à esfera social da qual se encontra destituído, ou ainda, a possibilidade de uma vida digna e livre da exploração dos fazendeiros. Contrapondo-se a essa concepção, o latifundiário, ao enunciar a palavra *terra*, provoca sentidos condizentes com a óptica do capitalismo voltada a acumulação de bens materiais. Nesse sentido, a terra é o sinônimo de poder e riqueza, um instrumento de exploração e dominação sobre o sujeito socioeconomicamente menos favorecido.

O exemplo supracitado possibilita-nos afirmar que os sentidos produzidos pelos sujeitos são determinados pelas relações sociais e ideológicas de seus grupos. E “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam” (ORLANDI, 1999, p. 42).

A exemplo do lexema citado, *terra*, podemos observar a noção de enunciado que, na Análise de Discurso, conforme pontua Foucault (1995), não se confunde com frase, nem com ato de fala, ou mesmo com a noção de proposição. Podemos tomar esse lexema, na formação discursiva do Sem-Terra, como um enunciado, porque ele possui, além de uma forma material (a palavra), uma relação com a exterioridade, o que implica a existência de elementos como a memória, a ideologia e a posição do sujeito inscrito em uma formação socioideológica e não outra. Consideramos ainda, não ser o enunciado de natureza fixa/imóvel, ele pode mudar de sentido tornando-se outro ao passar de uma formação discursiva a outra. A esse respeito, Pêcheux (1997, p. 54) reitera: “um enunciado sempre traz

outros em redes de memória e história, na condição de refutá-lo, contradizê-lo e também de ressignificá-lo e em redes de significantes”.

Discurso é a observação dos processos que norteiam a fala, o social, o histórico e o ideológico no ato da enunciação. Mais ainda, trata-se de compreender a língua no seu sentido social geral, ou seja, o impacto de uma ideologia sobre a outra. Daí a definição encontrada em Orlandi (1999, p. 21): “discurso é o efeito de sentido entre locutores”. As relações da linguagem com o social ligam as palavras às condições em que elas são produzidas. O lugar socioideológico de que o sujeito faz parte orienta suas ações levando-o a agir e pensar de acordo com a ideologia dominante naquela conjuntura, um Sem-Terra não pensará como um fazendeiro latifundiário.

Não há sujeitos integrantes de diferentes grupos com a mesma posição discursiva. As elites dirigentes do sistema capitalista têm uma dada visão de seus interesses, dominam os recursos materiais e culturais para a manutenção de tais interesses. De outro lado, às margens da sociedade, a população pobre, explorada e oprimida, luta para garantir seus direitos. Nessa perspectiva, o Sem-Terra, expulso do campo, é margeado nas periferias das grandes cidades. Os desencontros das possibilidades de vida e concepções de mundo propiciam à Análise de Discurso um vasto campo de estudo, no qual o aspecto ideológico fornece a base para a produção do sentido. Daí a idéia de que ideologia é inerente ao discurso, imprescindível para sua formação.

O sentido de uma palavra, de uma proposição, etc.; não existe em si mesmo (...), mas, ao contrário, é determinada pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. (PÊCHEUX, 1997, p. 190).

Os sentidos produzidos pelos sujeitos no discurso são decorrentes dos processos histórico-sociais que integram. O que faz com que o campo discursivo em que se encontra inserido o Sem-Terra oponha-se ao campo discursivo de outros sujeitos contrários ao movimento de luta pela terra.

A noção de discurso coloca em pauta as noções de formação ideológica e formação discursiva. A formação ideológica de um grupo social, como o do Sem-Terra, é entendida como a representação de um dado lugar social no mundo, do que se é, ou seja, um conjunto de representações, de idéias que denunciam a compreensão que estes sujeitos têm da realidade em que vivem. E como “não existem idéias fora dos quadros da linguagem”, a visão de mundo desse grupo social não se sustenta desvinculada da linguagem (Cf. FIORIN, 1988, p. 32). Trata-se da constituição do sujeito, de sua inscrição em uma dada formação discursiva.

O discurso é o local onde a ideologia se materializa. É o ponto de articulação dos processos ideológicos, ou, como expõe Brandão (1995, p. 37), “o discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, um dos aspectos materiais da existência das ideologias”.

Para compreender o funcionamento da ideologia, procuramos apontar algumas considerações sobre o seu papel. Uma das formas da ideologia funcionar é fazer com que cada sujeito, sem que ele entenda ou tenha consciência, acredite ser o senhor de sua própria vontade. Tal concepção só é possível quando pensamos no sujeito inserido em um determinado espaço coletivo. Esse é o caso do Sem-Terra como sujeito ideologicamente marcado e integrante de um movimento de luta.

No seio da sociedade em que vivem, os sujeitos produzem idéias e/ou representações que procuram explicar os fatos que movimentam, ou melhor, conduzem suas vidas,

e também compreender as relações que os regem. Porém, essas representações tendem a esconder o modo real como suas relações sociais são produzidas.

Acerca desse conceito, Chauí (1980, p. 65-113) afirma:

a ideologia é ilusão, isto é, abstração, inversão da realidade. Para criar na consciência dos homens uma visão ilusória da realidade como se fosse realidade. (...) a ideologia organiza-se como um sistema lógico e correntes de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam ou prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar, o que devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer.

E ainda, para encerrar momentaneamente nossas reflexões acerca da noção de ideologia, Brandão (1995, p. 23) expõe: “a ideologia se materializa nos atos concretos, assumindo com essa objetivação um caráter moldador das ações”.

Consoante Chauí (1980, p. 85), a concretização da ideologia, segundo a visão marxista, é um instrumento de dominação de classe, porque a classe dominante faz com que suas idéias passem a ser as idéias de todos. Nessa acepção de ideologia, usada como forma de dominação, encontramos o sujeito Sem-Terra, mas não como um sujeito que consente essa dominação. Não encontramos um sujeito inserido exatamente no que Marx chamaria de trabalho alienado, simplesmente, por ter este sujeito reagido a sua expulsão do campo e formado movimentos dispostos a lutarem em prol da obtenção da terra, movimentos de resistência.

Para a Análise de Discurso, pensar em ideologia requer pensar em formação ideológica, conceito essencial para o entendimento da ideologia e sua relação com o sujeito, que nos permite compreender o efeito de sentido

produzido pelas palavras. Os sentidos são produzidos e representados no discurso pelas formações ideológicas que integram. Assim afirma Orlandi (1999, p. 43): “os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja”. Portanto, tudo o que pensamos e/ou dizemos é norteado pelos processos ideológicos que, por sua vez, materializam-se no discurso. “Toda palavra é sempre parte de um discurso”. Como assegura essa autora, as formações discursivas não são consideradas processos homogêneos na sua constituição. Elas são constituídas pela heterogeneidade, construindo-se e desconstruindo-se em suas relações.

Sobre o sentido produzido no discurso, Fernandes (2005, p. 23) atesta:

Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. (...) As palavras têm sentido em conformidade com as formações ideológicas em que os sujeitos (interlocutores) se inscrevem.

Dessa forma, o lugar de enunciação determina que a palavra tenha um sentido e não outro. Vemos o sujeito como polifônico, pois, como evidencia Fernandes (2005, p. 39), *a voz do sujeito enunciador constitui-se por um conjunto de diferentes vozes*. O Sem-Terra produz a ideologia de um movimento de luta e em suas enunciações encontra-se um conjunto de outras vozes integrantes do movimento, tais como a presença de integrantes de partidos políticos esquerdistas, de antigos lavradores, de desempregados e membros de grupos religiosos.

No campo teórico em que se insere nossa discussão, vimos que o sentido é produzido em condições específicas, tendo em vista os aspectos sociais, históricos e ideológicos. A historicidade determina, ou possibilita, para a constituição do sujeito, a política, a cultura, a economia, etc. Dessa forma, sabendo-se que cada sujeito integrado a um lugar

socioideológico é influenciado, sem que tenha consciência disso, por esses fatores, não concebemos o sentido como algo imanente. A este respeito, Fernandes (2005 p. 23) afirma:

no discurso os sentidos das palavras não são fixos, não são imanentes, conforme, geralmente, atestam os dicionários. Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. (...) As palavras têm sentido em conformidade com as formações ideológicas em que os sujeitos (interlocutores) se inscrevem.

Um breve olhar para a história do Brasil, nos revela como sujeitos considerados humildes, pertencentes a grupos sociais como os movimentos de luta pela terra no país, não ocupam lugar de destaque na história factual, ou seja, aquela constituída pela narrativa linear de acontecimentos ou fatos, comumente encontrada nos livros dos ensinos fundamental e médio. Essa história, dificilmente instituiria um lugar para o Sem-Terra, que, não bastasse à exclusão do cenário social, é também esquecido por um modelo de história acostumado a valorizar as ações de grandes homens relacionadas à política. Um sujeito sem vida social digna e quase sem perspectiva de nova vida, só aparece nessa história quando em conflito com a polícia, para depois ser lembrado como baderneiro. A história tradicional, muita das vezes de caráter elitista, procura anular o Sem-Terra, transmitindo a imagem de que são invasores (ladrões) de terras, e mesmo dispostos a matar pela terra. Contudo, consideramos interessante os Sem-Terra armados de “paus” e foices enfrentarem a polícia armada, que os impede de ocupar as terras improdutivas, pertencentes, na sua grande maioria, à elite política do país, ironicamente eleita pelo povo para assegurar a igualdade e o acesso aos bens materiais, como a terra.

Marginalizado pela história tradicional, o Sem-Terra ganha com a chamada Nova História, o seu lugar na história. Firmando-nos nas reflexões de Burke (1992, p.7-37), vemos como o Sem-Terra tem seu lugar nessa nova história:

a história tradicional oferece uma visão de cima, no sentido de que tem sempre se concentrado nos feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos. Ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário na trama da história.

A Nova História preocupa-se com *a história vista de baixo, em outras palavras, com as opiniões de pessoas comuns e com sua experiência na mudança social. A história da cultura popular (...) tudo tem lugar na história* (Burke, 1992, p.11-13). Assim, o sujeito de vida simples, antes um alguém integrante de uma multidão de excluídos, ganha o seu espaço na história. O sujeito constituído em um espaço rural sociocultural, do qual foi posteriormente excluído, é, então, valorizado em trabalhos como este, que tem por objetivo principal explicitar os sentidos de *trabalho*, além de um lexema, para esses sujeitos autodenominados Sem-Terra. Ainda sobre a História Nova, é importante lembrar, com Burke (1992), que esta considera as opiniões das pessoas comuns, mais seriamente sobre o seu passado e também inclui tudo o que o homem pensou desde seu aparecimento. Referimo-nos ao lugar da memória na produção e funcionamento do discurso. A este respeito, Fernandes (2005 p. 56-57), ao dizer que o sujeito se constitui como memória discursiva, atesta:

os sujeitos denominados Sem-Terra pautam-se em experiências vividas no passado (...) as quais procuram reconstruir. (...) sujeitos que priorizam a vida bucólica já experimentada em tempos passados. Em se tratando de memória discursiva, não está em questão as lembranças que cada sujeito tem do passado, mas sim a existência de um mundo sociocultural, com formas de trabalho, lazer, etc.

Em relação à memória discursiva, as questões referentes ao Sem-Terra colocam em pauta uma memória social que

implica a retomada de elementos passados para a construção do presente, por exemplo, as formas de trabalho. Ocorre uma (re) significação do trabalho já experimentado em um mundo rural distante, tendo em vista as condições de produção no acampamento.

Feitas essas considerações, procederemos à análise dos recortes de entrevistas com sujeitos Sem-Terra acampados no Triângulo Mineiro, tomados como *corpus* deste estudo.

Análise do lexema *trabalho* no discurso do Sem-Terra

Refletir sobre as formações discursivas que envolvem o lexema *trabalho*, tomado como um enunciado, é, antes, considerá-lo marcado por uma heterogeneidade discursiva. Consoante com Sargentini (2004), discursos sobre o trabalho têm existência em diferentes lugares na sociedade, como a mídia, a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), e nas vozes dos trabalhadores, o que nos revela sujeitos com diferenças quanto à inscrição ideológica e discursos contraditórios sobre o trabalho.

Acerca de discursos sobre o trabalho, Sargentini (2004) mostra-os em circulação na mídia, na CLT e na voz de um trabalhador que chegou à Presidência da República. Na mídia, em especial no século XXI, observou-se um abatimento da noção de trabalho coletivo em favor de sua individualização. Nota-se um discurso por busca de destaque pessoal, especialização e atualização tecnológica e de outras naturezas, a fim de se obter uma carreira profissional de sucesso, posição que se sustenta pela ideologia do capitalismo. Nessa formação discursiva, o válido é que cada indivíduo busque se sobressair aos outros para garantir seu espaço no mercado de trabalho e, conseqüentemente,

alcançar uma posição social mais elevada. Porém, envolto neste discurso, e contrapondo-se a ele, percebemos uma atual fase de desemprego que atinge especializados e não especializados. Esta situação provoca uma crise de identidade ao trabalhador desempregado e intensifica o trabalho informal e a marginalidade.

O discurso sobre o trabalho que coloca em pauta a CLT abarca o discurso da coletividade por melhores condições de trabalho erigidas após vários anos de luta. Segundo as normas da CLT, os trabalhadores precisam de proteção sob forma da lei e estas foram criadas para assegurarem-lhes esse direito. Porém, ao ser inserido no discurso do Estado, o termo coletividade não existe enquanto união dos trabalhadores. Percebemos, na verdade, uma união construída por normas estatais, ou seja, por um corporativismo – controle e dominação dos trabalhadores pelo Estado por intermédio dos sindicatos. Existe, dessa maneira, uma flexibilização da CLT para as negociações em favor das empresas. Por último, a autora supracitada expõe que o discurso de um presidenciável, mecânico que chegou à Presidência da República, está envolto na coletividade, visto ser Lula um ex-grevista e hoje um representante estatal do povo brasileiro.

Observamos, a respeito das formações discursivas sobre o trabalho, que o discurso da coletividade vem sendo substituído pelo da individualidade, ou sendo manipulado pelo Estado, que atende aos interesses capitalistas, representados pelos empresariais. Por outro lado, a coletividade vem ganhando força e prestígio, como nos movimentos de luta pela terra, a exemplo do MST (Movimento dos Sem-Terra) e MLT (Movimento de Luta pela Terra). Em tese, os Sem-Terra abrem mão da individualidade com o preceito de que a força e a união tornam possível o sonho. A esse respeito, procederemos à análise do *trabalho* no discurso do Sem-Terra.

Fragmento 1

O primeiro ano que nois entramo aqui foi im 1993 ... nois trabalhamo na faixa fizemo um **serviço coletivo** ... alguns **pedacinho individuais** ... cada um trabaiano pra si separado tratando de suas pranta de tradições ... porque eu gosto de um feijão macasso otro gosta de uma fava otro gosta de uma mandioca otro gosta de um milho otro gosta de uma pipino ... intão cada um tinha ... e tem um pedaço separado pra prantá suas prantas de tradição ... eu gosto de uma coisa e otros gosta de otras ... mas a lavoura coletiva no premero ano ... nois tocamo um cole... nois chamava de coletivão ... grupo de união né ... todo mundo trabaia pra reparti depois da colheita e aí partia im partes iguais ...(...) no ano passado nois já pensamo em trabaia diferente ... repartimo o acampamento em quatro grupo ... cada grupo pegô seu taião de roça e foi trabalhar mais aí já foi ... num já foi aquele coletivão (...) agora nesses dia agora pra essa próxima roça que já tá até atrasado ... nois tamo já tendo até a idéia de formar um tipo comunitário ... nois forma uns grupo a mesma coisa ... pega a área divide por partes iguais e vamo trabaia ... (...) quando colhê todo mundo têm sua área ... se acauso eu quero ... eu tenho famia im Santa Vitória ... oto têm a famia im São Simão ... o milho tá maduro ... qué dá um saco de milho ou dois ô treis ... vai levá então pra mim ... pa minha famia pum amigo meu (S1)

Nesse fragmento, o entrevistado está respondendo à interrogação acerca das formas de organização do trabalho no acampamento. Num primeiro momento, o sujeito Sem-Terra, que chamaremos de S1, faz referência à existência de

um tipo de trabalho que ele designa *plantar na faixa*. Os Sem-Terra, ao serem expulsos de uma fazenda que ocuparam, armam seu acampamento às margens da rodovia. Necessitando suprir necessidades básicas, como a alimentação, e não tendo de onde tirar, esses sujeitos começam a cultivar alimentos plantando na faixa de terra existente às margens da rodovia. O pedaço de terra utilizado para o cultivo é delimitado pela cerca que separa a propriedade rural particular e a rodovia. Nesse espaço, vários gêneros agrícolas são cultivados e destinados à alimentação das pessoas que se encontram no acampamento (*nois trabalhamo na faixa fizemo um serviço coletivo*). O trabalho desenvolvido na faixa era realizado pelos integrantes do grupo de forma coletiva, sendo que todas as tarefas eram divididas entre os trabalhadores, e, ao final, repartiam o alimento resultado da colheita. A palavra *coletivo*, referindo-se ao trabalho na faixa, aparece na formação discursiva do Sem-Terra ressignificada, sob novas condições de produção socioideológica, pois ela já integrou outros lugares da história, e outros discursos, como: estudantil, grevistas, de contestação política de caráter socialista e outros... Entretanto, o trabalho organizado de forma coletiva no acampamento é uma imposição dos líderes do movimento como condição para que o Sem-Terra esteja no movimento. Essa imposição é vista pelos líderes como uma forma de manter a união do grupo em torno de um mesmo objetivo.

O trabalho na faixa revela-nos um aspecto de caráter político-socialista, decorrente da presença de diferentes sujeitos sociais no contexto que envolve a luta pela terra, mais especificamente, referimo-nos à presença de sujeitos integrantes de partidos político-socialistas possivelmente interessados no estabelecimento da igualdade das relações de trabalho. A respeito da existência de diferentes sujeitos no movimento, acerca do Sem-Terra, encontramos a existência

de discursos sobre estes sujeitos na mídia, em especial, que versa as ocupações de terra como invasão, ou seja, roubo de terra, bem como em outros lugares, além de discursos dos próprios Sem-Terra, mostrando-nos uma dispersão de discursos sobre estes sujeitos. Em outras palavras, referimo-nos à existência de textos diversos acerca de uma mesma temática (o Sem-Terra como tema de discursos) apontando para diferentes formações ideológicas, e também vários sujeitos em espaços físico-sociais espalhados apontando para uma mesma formação ideológica. Vale dizer, a unidade do discurso está no fato de que todos estes discursos dispersos apontam para o mesmo lugar. *Na dispersão de discursos e acontecimentos, na descontinuidade, na contradição e negação do que se pode dizer somente em determinada época e/ou lugar encontra-se a unidade do discurso.* (Cf. Fernandes, 2004). Observamos, com a forma de trabalho desenvolvido na faixa, que o Sem-Terra se pauta no passado para, no presente, (re) construir um mundo sociocultural praticamente extinto. Essa memória coletiva constitui-se, segundo Fernandes (2003a, p. 120), *de experiências comuns aos sujeitos integrantes de um mesmo grupo, com base em suas vivências, no que foi sentido, enfim, experimentado.* O Sem-Terra se pauta em diferentes momentos da história para construir práticas experimentadas, que tiveram existência em outros lugares da história, mas a condição desejada será sempre outra, em outro momento. Consoante com Foucault (2000, p.26) *O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta.*

O trabalho na faixa, organizado em torno do princípio da igualdade e da assertiva popular de que *a união faz a força*, apresenta-se também organizado de forma individual, conforme afirma o entrevistado acima: *nois trabalhamos na faixa fizemos um serviço coletivo...alguns pedacinho individuais...(...) cada um tinha...e tem um pedaço separado pra plantar suas plantas de tradição.* O

trabalho individual revela-nos uma heterogeneidade constitutiva dos sujeitos marcada, por exemplo, por elementos de cunho político-ideológico e também uma singularidade revelada nos gostos particulares de cada sujeito integrante do movimento (*eu gosto de um feijão macasso outro gosta de uma fava outro gosta de uma mandioca outro gosta de um milho outro gosta de um pipino*). Plantar individualmente também seria uma forma de resgatar o passado, visto que, quando ainda se encontrava constituído como trabalhador rural e não Sem-Terra, esse sujeito trabalhava em um sistema familiar, em que o trabalho era realizado pelos próprios membros da família. O trabalho coletivo, da forma que ora se apresenta, não era, até então, conhecido por esse trabalhador.

As reflexões arroladas por nós, neste estudo, levam-nos a perceber a existência de uma contradição no discurso do Sem-Terra. O enunciador S1 afirma que ao entrar no movimento trabalha de forma coletiva na plantação da roça na faixa – *o primeiro ano que nós entramos aqui foi (...) fizemos um serviço coletivo* – depois, quando da colheita, dividia o produto obtido em partes iguais, dando ao trabalho coletivo sentido de união, companheirismo. Mas, ao mesmo tempo, esse sujeito afirma a existência de trabalho individual no acampamento. Essa contradição exposta revela-se como condição de funcionamento do discurso precisando uma dispersão dos sentidos e dos sujeitos. Contradição essa própria à constituição do sujeito, que se mostra, conforme Fernandes (2003b, p.42), *um sujeito plural, isto é, o sujeito é atravessado por uma pluralidade de vozes e, por isso, aparentemente, inscreve-se em formações discursivas e ideológicas opostas*. Reiteramos não ser o sujeito homogêneo, sua identidade encontra-se em constante processo de transformação face às relações sociais que orientam suas ações.

O *trabalho*, segundo o entrevistado, não obedece a uma forma fixa: *no ano passado nois já pensamo em trabaiá diferente ... repartimos o acampamento em quatro grupo (...) mas aí já foi...mun já foi aquele coletivão (...) nois tamó já tendo até a idéia de formar um tipo comunitário*. Nessa passagem da entrevista com S1, percebemos que a organização do trabalho na faixa, de forma coletiva, é substituída por outra forma de organização. O trabalho coletivo é substituído por um tipo comunitário. A terra é dividida em partes iguais e são formados grupos de trabalhadores para o plantio. Cada grupo podendo plantar em seu pedaço de terra denominado “taião”. Os Sem-Terra optaram por esse tipo de trabalho comunitário e não mais pelo coletivão, devido à presença de diferentes sujeitos sociais coexistindo em um mesmo espaço físico-social. Encontramos no acampamento a presença de desempregados da cidade, antigos lavradores, integrantes de partidos políticos, de grupos religiosos, voluntários e outros. Essa diversificação, os diferentes papéis, as diferentes posições acabam por fragmentar os sujeitos, que passam a se agrupar com outros integrantes do grupo, formando por afinidade pequenos grupos para trabalharem na roça, de maneira que pequenas comunidades formam-se no interior do acampamento. Ao trabalho comunitário percebemos um caráter político-religioso, na medida em que a solidariedade entre os companheiros do grupo é utilizada para o sustento das famílias dos Sem-Terra que não estão no acampamento.

Finalizando a análise do fragmento 1, o *trabalho na faixa*, não apenas como meio de subsistência do Sem-Terra, desempenha, sobretudo socialmente, uma função importantíssima, porque envolve sujeitos não ligados diretamente ao movimento. Além de que revela aspectos da formação discursiva do Sem-Terra, como a memória e também a contradição ora observados.

Fragmento 2

É ... é que geralmente esse pessoal que tá aqui é pessoal que foi... que todo mundo é gente que veio da roça mesmo (...) intão ... nois tamo quereno chegá a esse ponto porque nós todo temo costume com o trabalho ... aqui vamo dizê assim tudo ... é gente que sabe o que é o serviço da roça ... só que tinha naquele tempo era um tipo assim ... que a gente trabalhava ... o fazendeiro... igual muitos fazia igual que ele administrava o que era que a gente fazia ... se a gente ia prantá um arroiz ele queria que a gente prantassem... que exitia o arroiz de quatro meis de cinco meis de treis meis muntos deles falava assim ... tem prantá é esse arroiz aqui ... e nois tamo... além de nois tamo quereno voltá a agricultura que morreu aqui na região ... quereno trabaia cum liberdade pra nois fazê ... achá o que que nois deve prantá (S1)

No fragmento 2, o enunciador S1, ao responder ao entrevistador, remete-nos à existência de uma memória social em seu discurso. O enunciador revela, na entrevista, que os trabalhadores Sem-Terra, que estão no movimento, são sujeitos que vieram do meio rural, sujeitos que, em outros momentos, experimentaram, viveram do trabalho desenvolvido na terra (referimo-nos ao trabalho agrícola). Trata-se de sujeitos com existência em um espaço sociocultural rural: *esse pessoal que tá aqui é pessoal que foi... que todo mundo é gente que veio da roça mesmo*. Esse trabalhador utilizava o trabalho rural para obter o sustento de sua família, cultivava suas plantas de tradição. Nessa perspectiva, o ambiente rural era seu lugar de representação política e exercício de sua cidadania. A existência de uma memória no discurso desse sujeito remete-nos à existência de uma memória coletiva, envolvendo aspectos

socioculturais e ideológicos de um determinado lugar do passado, que reaparecem em um novo contexto e lugar da história, imputando outra significação, outros sentidos ao que é retomado. Essa memória mostra a condição de existência desses sujeitos, que um dia foram trabalhadores rurais, como algo descontínuo, no sentido de que esse mundo se desfez, sofreu transformações no tempo; e ao mesmo tempo contínuo, visto que as formas de existência de um mundo já experimentado reaparecem ressignificadas, em outro momento da história, como formas de trabalho experimentadas no acampamento. Podemos citar o trabalho na faixa, às margens da rodovia, já analisado no fragmento 1. Nesse enfoque, a observação da memória coletiva, no discurso, evidencia um deslocamento do sujeito, porque o trabalhador rural reaparece na condição de Sem-Terra.

Na passagem *todo mundo é gente que veio da roça mesmo (...) nós tanto queremo chegá a esse ponto*, mais uma vez o Sem-Terra se pauta no passado para construir o presente. Nessa tentativa, parece existir uma neblina entre o passado e o presente, ao que denominaremos de efeito de opacidade da memória discursiva (termo cunhado por Pêcheux, 1990). Os elementos do passado reaparecem, mas não são os mesmos. Seria como se o passado viesse, mas ao mesmo tempo não viesse. Ainda sobre a memória, Foucault (1995), apud Fernandes (2003b, p. 36), afirma: *todo discurso é marcado por enunciados que o antecedem e o sucedem e caracteriza-se pela contradição*.

O enunciador, ao afirmar *nós todo temo o costume com o trabalho (...) é gente que sabe o serviço da roça*, revela-nos que os diferentes sujeitos existentes no movimento são trabalhadores e querem trabalhar no que sabem, ou seja, em atividades agrícolas de subsistência. Contudo, esse trabalho está faltando e sua falta leva o lavrador excluído à busca de terra ainda não utilizada, disponível ao cultivo. Essa busca revela, no discurso, que, na luta pela terra, esses sujeitos não

estão roubando terras alheias, estão ocupando um espaço obsoleto, e, como atesta Fernandes (2003a, p. 119), *reside aí o caráter de justiça e direito que o Sem-Terra confere às suas reivindicações*. Ao trabalho na terra é atribuída uma função social contrária aos interesses latifundiaristas, uma vez que o Sem-Terra pretende garantir, pela realização dessa forma de trabalho, o restabelecimento do exercício da cidadania, desejo que se vincula à sua existência no passado. Observada a presença da memória, continuamos com a análise focalizando a relação do fazendeiro com o trabalhador rural, mas não deixaremos de lado o papel da memória, sendo que o resgate dessa relação se dá por meio dela. O Sem-Terra entrevistado revela uma relação de dominação de seu trabalho ao expor que *o fazendeiro (...) que administrava o que era que a gente fazia*. Assim, o proprietário da terra determinava ao trabalhador rural o que deveria plantar, como deveria plantar. Não havia ao lavrador liberdade para a realização do trabalho, mas a necessidade de subsistência, uma vez que, sendo esse o único trabalho para o qual o lavrador tem habilidade, submete-o à aceitação de formas de exploração de seu trabalho. Exploração que se traduz, na prática, em baixíssimo salário, insuficiente para suprir as necessidades básicas de sua família. O lavrador, na condição de bóia-fria, sem a garantia de um vínculo empregatício fixo, passa a ser contratado temporariamente pelo fazendeiro para o período da plantação e da colheita da lavoura. A condição de meeiro, arrendatário, ou agregado, antes existente, foi substituída, no contexto da lavoura mecanizada, pela condição de bóia-fria. Condição mais lucrativa ao fazendeiro, que se inscreve no capitalismo. Ao lavrador, então bóia-fria, resta a opção de migrante em seu próprio espaço sociocultural, face às relações de exploração de seu trabalho. Essas relações, somadas à agroindustrialização do campo, efetivam a expulsão do lavrador desse espaço.

Apontada a relação do fazendeiro com o trabalhador, percebemos que o enunciador S1, agora na condição de Sem-Terra (*nois tamó quereno voltá a agricultura que morreu aqui na região*), mais uma vez se pauta no passado para construir o presente. Porém, a construção desejada pelo Sem-Terra dá-se em condições diferentes das anteriores. Nessa nova condição social, os sujeitos procuram superar a exploração de seu trabalho em função da liberdade de trabalhar na terra com autonomia, conforme suas concepções, e em liberdade: *queremo trabaiá cum liberdade pra nois fazê ... achá o que que nois deve prantá*. A condição de Sem-Terra pauta-se no desejo de realizar o trabalho de forma livre, com autonomia. Verificam-se, portanto, transformações ocorridas na constituição dos sujeitos no espaço e no tempo, a esse respeito, concluímos consoantes com Fernandes (2003b): *o lugar histórico-social em que os sujeitos enunciadore de determinado discurso se encontram envolve o contexto e a situação e intervém a título de produção de discurso*.

Fragmento 3

a gente na lavoura aqui tava até disacustumado de trabaiá engrupado ... que antigamente tinha o sistema mutirão a de mão que se tornava tudo uma traição ... coisa só mais... tinha nomes diferentes ... intão hoje nois tá quereno revivê aquele tempo sô aqui (...) ó o mutirão é o seguinte ... eu sô dono duma lavoura e o meu pasto tá sujo e eu num tô achano cumpanheiro pa pagá por dia ... ou todo mundo tava preocupado cum seu sirviço ... intão eu saio nos vizinho e falo assim ... ó gente eu tava quereno fazê um mutirão tal dia oceis vai lá pra mim ... todo mundo que concordá vai ... só que o mutirão não é fácil pra... também a pessoa faz lá uma boa comida ... quando é de noite dá um baile (...) e têm o

tipo da de mão vamo vê a de mão o cumpanheiro aí tá apertado ... aí ele nem aí o cumpanheiro tem dó dele falá ... a eu vou dá uma de mão po fulano aí vai trabaia um dia trabaia dois e é desse jeito ... agora tem a traição (...) a traição é diferente que a traição uma pessoa ou um vizinho organizava aquele grupo pra trabaia pa pessoa ... mais o dono da roça num sabia ... intão ele via o dono da roça apertado num tava dano conta daquele sirviço e (...) intão aparecia um daqueles vizinhos ali ... um irmão um cumpadi um parente ou às vezes só um amigo mesmo ... saía convidano os otro ... ó vamo dá uma traição im fulano (...) mais aí sigilo ... num vai falá pa fulano não (...) reunia aquele povo lá ... quando era lá pa onze doze uma hora que o dono da casa tava durmino ... aí vinha todo mundo caladinho silêncio caladinho e... a tá ... levava pra li duas três caixas de fuguete e chegava ... quando o dono da casa tava durmindo acordava debaixo do grito de fuguete ... aí aí ficava balançando e tocano e dançano até manchecê o dia ... manhicia o dia ia trabaia (S1)

Na análise desse fragmento, percebemos que S1, atravessado por uma memória discursiva, faz referencia à existência de formas de organização de trabalho experimentadas, vividas em outras épocas e/ou lugar socioideológico, os quais pretende reviver no acampamento juntamente com seus companheiros de luta. Sobre a memória discursiva, Maingueneau (2000, p. 96-97) expõe:

uma formação discursiva é tomada em uma dupla memória. Ela constrói para si uma memória externa colocando-se na filiação de formações discursivas anteriores. Ao longo do tempo cria também uma

memória interna (com os enunciados produzidos antes, no interior da mesma formação discursiva).

No acampamento, os Sem-Terra, estão querendo reviver formas de trabalho em grupo, a que o enunciador denomina *trabaiá engrupado*, organização sociocultural de um mundo extinto (retoma o passado de quando S1 era lavrador e não Sem-Terra), pautado em formas de trabalho como o mutirão, a demão e a traição. Consoante com Maingueneau (2000, p. 97) *o discurso se apóia, então, a uma tradição, mas cria pouco a pouco sua própria tradição*. A forma de organização do trabalho denominada mutirão, existente no espaço de identificação do sujeito como lavrador e ora apresentado pelo sujeito na condição de Sem-Terra, no acampamento, como um desejo de restabelecer um mundo sociocultural praticamente extinto, organizava-se da seguinte maneira: o lavrador, geralmente proprietário de uma pequena extensão de terra, *trabalhava-a com o cultivo de alguns gêneros agrícolas para o sustento alimentício de sua família*. Contudo, o trabalho com o preparo da terra demanda tempo e mão-de-obra abundante, mas as condições de trabalho do lavrador que planta por meio de um sistema familiar não são essas, o que acarreta dificuldades para preparar a terra no período certo para o plantio. Dessa forma, para não ter prejuízos com sua lavoura, o lavrador resolve buscar a solidariedade de seus vizinhos para a realização ou preparação da terra. Deslocando-se de uma fazenda a outra, o sujeito, convida seus moradores para fazer um mutirão, de modo que, os trabalhadores que se dispuserem realizarão a tarefa em um dia de trabalho. Durante a realização do mutirão, há o compartilhamento das tarefas e a confraternização com um grande almoço e um baile entre os trabalhadores. Nesse sentido, o mutirão é um trabalho de solidariedade e companheirismo entre os lavradores.

Essa forma de trabalho revela-nos a presença de diferentes sujeitos sociais coexistindo em um mesmo lugar socioideológico, o que nos faz pensar na existência de diferentes formações discursivas, posições opostas/divergentes integrando um mesmo lugar, a do trabalhador rural. Nessa perspectiva, esse sujeito, marcado por uma heterogeneidade própria a sua constituição, explicita-nos a presença de outras vozes, de dizeres de outros sujeitos, na sua voz, que integra uma formação discursiva de natureza complexa, na medida que envolve elementos da exterioridade como o social e o ideológico. O sujeito rural que, aparentemente, inscreve-se em formações ideológicas opostas, tem seus discursos atravessados pelos discursos de outros sujeitos, dos quais se unem ou se diferenciam. Sujeitos sócio-histórico e ideologicamente marcados, inscritos em uma memória social.

No fragmento em análise, S1 relata uma outra forma de trabalho do passado denominada *demão*. Nela, o lavrador, mesmo com dificuldades para preparar a terra para o plantio da lavoura no período certo, não recorre a ajuda dos amigos para fazer um *mutirão*. Porém, um amigo ou parente mais próximo percebendo a dificuldade do *comparsa*, resolve doar alguns dias de sua mão-de-obra para a realização do trabalho. Nessa forma de trabalho, percebe-se uma solidariedade de um companheiro ao outro. Trabalho que se diferencia de *mutirão*, caracterizado pela coletividade, devido seu caráter mais individualista, por não envolver uma pluralidade de sujeitos com o trabalho. Portanto, *mutirão* e *demão* mostram-nos relações de trabalho opostas pela coletividade e a individualidade. Assim, a formação discursiva do trabalhador rural é constituída pelo contraditório e sujeitos heterogêneos, designa um conjunto de enunciados relacionados a um mesmo sistema de regras historicamente determinadas (cf. Fernandes, 2004) ou, conforme expõe Maingueneau (2000, p. 67-68) *a formação*

discursiva designa todo sistema de regras que funda a unidade de um conjunto de enunciados sócio-historicamente circunscritos, não existindo, dessa forma, a homogeneidade da formação discursiva, mas sim um agrupamento de acontecimentos que fazem emergir uma memória (Cf. Orlandi, 1999).

Quanto ao sujeito que enuncia de um lugar na história, o que mostra não ser sua identidade fixa, na perspectiva de Pêcheux (1997, p. 163), o discurso do sujeito é determinado por condições específicas de produção social, ideológica e políticas, o que configura as possibilidades para que o discurso seja enunciado. Nesse processo, o sujeito não possui consciência do que o determina. Isso ocorre, porque *na ilusão de ser a origem de seu dizer se “esquece” das condições que o determina*. No entanto, *seu discurso não é único, é atravessado por outros discursos, e esse sujeito ilusoriamente “centrado” na realidade é descentrado e constituído pelo outro*. Nessa perspectiva, o trabalhador rural se produz e identifica-se como sujeito.

Por último, aparece no fragmento a forma de trabalho denominada traição. Nela, geralmente um parente ou amigo, vendo o companheiro com dificuldades no preparo da terra, resolve prestar auxílio ao amigo e, para tanto, não revela que vai ajudá-lo. Em segredo, organiza um grupo de trabalhadores voluntários para o serviço. No período determinado, por volta de meia noite, o grupo de trabalhadores que vai realizar *a traição* chega à fazenda festejando com fogos de artifício até o dia amanhecer, para depois iniciar o trabalho.

Vimos então, na análise desse fragmento, a presença de três enunciados: mutirão, demão e a traição, integrantes da formação discursiva do trabalhador rural. Enunciados historicamente relacionados ao mundo sociocultural praticamente extinto, que o Sem-Terra busca reviver no acampamento. A este respeito, Pêcheux (1997, p. 53) expõe:

Todo enunciado, toda seqüência de enunciado é, pois, lingüisticamente descritível como uma série (...) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. Estes enunciados são marcados por pontos de deriva, uma vez que aparecem no mundo rural e após um processo de desestruturação do lavrador de seu espaço de origem, reaparecem como desejo de reestruturação do Sem-Terra. Ainda com Pêcheux (1997, p. 53), *o enunciado é intrinsecamente susceptível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para outro.* Podemos dizer, a respeito desses lexemas, que a história que os produziu no passado, não será a mesma de amanhã, sempre o enunciado aparecerá sob condições de produção diferentes das anteriores. O que faz, segundo Pêcheux (1997, p. 23), com que o *enunciado pareça opaco*, em outras palavras, *seu sentido nunca é alcançado em sua totalidade, há algo sempre novo. Ele emerge uma rede de relações associativas implícitas que se associa a outros elementos (história, ideologia e posição do sujeito)* e relaciona-se com outros enunciados.

Podemos observar, com a análise desse fragmento, a tentativa do Sem-Terra de reviver formas de trabalho do passado como uma maneira de preservar suas raízes. O que mostra serem esses sujeitos inscritos em uma memória social. Em contraposição a esta memória, o trabalho coletivo revela também uma natureza política de caráter socialista, em oposição ao capitalismo. Este aspecto será destacado na análise do fragmento seguinte.

Fragmento 4

quando eu voltei pra minha região de Santa Vitória já tava começando o foco de reforma agrária as ocupações e tal e tal ... e eu comecei a visitar e ver a maneira do trabalho e aí parei e olhei aqui é o meu lugar aqui me cabe e eu acho que isso aqui que eu

tenho vontade de fazer aquilo que eu fazia não era que tava fazendo eu era obrigado eu recebia pra fazer aquilo ... eu acho que aqui da pra mim de fato fazer o que eu tenho vontade fazer e vim pra reforma agrária estou na reforma agrária (S9)

Percebemos, nesse fragmento, marcas de deslocamentos do sujeito entrevistado por diferentes espaços físico-sociais. Esse sujeito narra ao entrevistador o momento em que estabeleceu contato com o Movimento de Luta pela Terra, denominado por ele de Reforma Agrária. S9 relata que, antes de se constituir sujeito integrante desse movimento, trabalhava como gerente de uma empresa na cidade, na qual apenas recebia ordens de serviço e as executava, sem nenhum poder de interferência. Esses dados revelam-nos sua constituição como sujeito em um espaço socioideológico caracterizado por uma relação de trabalho capitalista, ou seja, o sujeito encontra-se inserido em um modelo capitalista voltado para o acúmulo de bens materiais.

Na cidade, S9, enquanto integrante de uma formação discursiva em que a exploração do trabalhador é uma forma de garantia do poder pela/da classe dominante, vê-se assujeitado às relações de trabalho dessa natureza, sendo controlado e dominado, sem poder exercer alguma autonomia na realização de seu trabalho. O próprio entrevistado confirma essa condição: *eu era obrigado eu recebia pra fazer aquilo*.

Quando S9 retornou para a região de Santa Vitória e deparou-se com as ocupações de terra, percebeu que se iniciava, naquela região, usando palavras do entrevistado, o *foco de reforma agrária*. Interessado em conhecer as propostas do movimento de luta pela redistribuição de terra, que vislumbravam a desapropriação do latifúndio improdutivo, esse sujeito iniciou suas visitas aos acampamentos e começou a tomar conhecimento das formas

de trabalho, desenvolvidas pelos sujeitos ali encontrados, vale dizer: o trabalho coletivo e o individual já analisados nos fragmentos anteriores. Assim, estabelece a interação desse sujeito com os demais integrantes do movimento, o que lhe possibilitou sua identificação com o espaço físico-social do acampamento. Conforme expõe S9, *aqui é o meu lugar aqui me cabe e eu acho que isso aqui que eu tenho vontade de fazer*. Diante dessa construção identitária, em um espaço coletivo, unido em prol da luta pela terra, o entrevistado em questão abandona a função de gerente da empresa na qual trabalhava na cidade para integrar o acampamento e somar forças pelos ideais do movimento. Dessa forma, observa-se o deslocamento e a transformação do sujeito de um lugar socioideológico para outro. O operário alienado pela máquina capitalista transformou-se em Sem-Terra. Passa-se, assim, a integrar um espaço de natureza político-socialista voltado para a transformação sociopolítica do país. A respeito do deslocamento próprio à constituição do sujeito discursivo, Fernandes (2005, p. 43) reitera:

os sujeitos sofrem (trans) formações no cenário histórico-social que lhes possibilitam, pela dispersão dos sentidos, constituírem-se discursivamente. Assim, a identidade, como o sujeito, não é fixa, está sempre em produção, encontra-se em processo ininterrupto de construção e é caracterizada por mutações.

Mediante o exposto, recorremo-nos à história para compreender as transformações ocorridas no sujeito e no cenário social em que se insere, pois é através dos processos socioideológicos produzidos na/pela história que sujeitos determinados têm lugar em uma formação discursiva e não em outra(s). Nessa perspectiva, os aspectos sociais, históricos e ideológicos que envolvem a formação do discurso, na qual o sujeito encontra-se inserido, possibilita

sua constituição nesta e não em outras formações discursivas. A este respeito, Fernandes (2005, p. 60) considera: *um dizer tem espaço em um lugar e em uma época específica*.

Reportando-nos novamente a S9, verificamos que a mudança de espaço físico-social, do ambiente citadino para o rural, proporcionou o deslocamento de uma formação discursiva para outra concernente a trabalho, e, conseqüentemente, uma re-significação do trabalho para este sujeito. O trabalho que representava a exploração de sua mão-de-obra e a submissão de sua vontade ao capital alheio, é, agora, na condição desse sujeito como Sem-Terra, substituído pela possibilidade de trabalho livre da exploração e pelo desejo de trabalhar para si com autonomia: *eu acho que aqui da pra mim de fato fazer o que eu tenho vontade fazer*.

Os deslocamentos assinalados na constituição de S9 enquanto sujeito discursivo reitera o caráter de incompletude do discurso e do sujeito, uma vez que os sentidos nunca se dão por completo, nunca são alcançados em uma totalidade. Se tomarmos o lexema trabalho como um enunciado, verificamos seu deslocamento de uma formação discursiva para outra, o que atesta mudanças de sentidos produzidos por esse enunciado. Essa re-significação decorre de sua inscrição em novas condições de produção, compreendidas como os aspectos sócio-históricos e ideológicos que envolvem a produção do discurso e a constituição do sujeito discursivo.

Nos deslocamentos assinalados, percebemos a natureza complexa da constituição do sujeito discursivo. As mudanças de S9, de um espaço físico-social para outro, revelam-nos que o sujeito constitui-se na inter-relação social, ou seja, o sujeito estrutura-se socialmente. Conforme considera Bakhtin (1992, p. 117),

a personalidade do sujeito é socialmente estruturada, pois não é do interior, do mais profundo da personalidade que se tira a confiança individualista em si, a consciência do próprio valor, mas do exterior: trata-se da explicitação ideológica do meu status social (...) que se projeta na alma individual(...) a personalidade que se exprima, apreendida, por assim dizer, do interior, revela-se um produto total da inter-relação social.

Na análise do fragmento, observamos os deslocamentos do sujeito por espaços físico-sociais por onde teve e/ou tem existência. Aspectos que revelam o ininterrupto processo de construção de identidade do sujeito discursivo. Lembrando ainda que, sob o viés teórico da Análise de Discurso e a teoria psicanalítica do sujeito, não é possível pensar o sujeito fora da relação com o social e, sobretudo com a ideologia.

Considerações Finais

As reflexões realizadas a partir da teoria do discurso possibilitaram-nos um adentramento na formação discursiva do Sem-Terra possibilitando-nos perceber a complexidade do movimento face aos aspectos socioeconômicos do Brasil. Nesse sentido, constatamos que a cidade, para esses sujeitos, é o lugar que os expõe à miséria, e o acampamento apresenta-se como uma possibilidade de restauração de um mundo sociocultural extinto.

Em síntese, o estudo desenvolvido mostrou-nos que os Sem-Terra buscam, com a integração aos movimentos de luta, uma forma de (re)construir as experiências de vida do passado, envolvendo trabalho, lazer, educação, etc. Para tanto, intentam reviver no acampamento formas de trabalho da época em que exerciam a função de lavradores. Dessa forma, conceitos da Análise do Discurso, como memória discursiva e outros, possibilitaram-nos apreender os

deslocamentos dos sujeitos, de uma formação discursiva para outra, bem como a transformação de seu espaço sociocultural.

Com a análise realizada, verificamos também que o *trabalho* constitui certa contradição no discurso do Sem-Terra, uma vez que esses sujeitos defendem o trabalho coletivo, de preceito socialista, quando, na verdade, visam ao assentamento para trabalhar para si e sua família, em sua propriedade.

A pesquisa realizada possibilitou-nos um contato com o fazer científico-acadêmico e, sobretudo, o desejo de prosseguir com os estudos nesse instigante campo do saber – a Análise de Discurso – que revela ser a língua historicamente constituída. Isto, porque ideologia e história possibilitam a existência do discurso, objeto de reflexão, e/ou questionamento, que mostra não ser nada inocente a relação da língua com o sujeito, como, por vezes, consideram algumas correntes dos estudos lingüísticos.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1992.
- BRANDÃO, Helena. H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: EDUNICAMP, 1995.
- BURKE, Peter. **A Escrita da História**. São Paulo: EDUNESP, 1992.
- CHAUÍ, Marilena. **O Que É Ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso – reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005 (Coleção Sala de Aula).

- _____. **Interação Social e Formação Discursiva no Movimento de Luta pela Terra**. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2001. (mimeo).
- _____. Terra: um Signo Plural. In: FREITAS, Alice Cunha; CASTRO, Maria de Fátima F. Guilherme (orgs.). **Língua e Literatura** – ensino e pesquisa. São Paulo: Contexto, 2003a. (p. 109-122).
- _____. A Constituição da Análise do Discurso na Lingüística. In: FIGUEIREDO, Célia Assunção, et al. (orgs.). **Lingua(gem): Reflexões e Perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, 2003b. (p. 33-46).
- _____. História e Lingüística: formação e funcionamentos discursivos. In: ____; SANTOS, João Bôsko Cabral (orgs.). **Análise do Discurso: unidade e dispersão**. Uberlândia: EntreMeios, 2004. (p. 43-70).
- FIORIM, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Layola, 2000.
- _____. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. Os Sentidos e suas movências. In: ____ et al. (Orgs.). **Análise do Discurso: entornos do sentido**. São Paulo: Cultura Acadêmica / Araraquara: UNESP-CAR – Laboratório Editorial, 2001. (p. 9-34).
- MAINGUENEAU, Dominique. **Termos Chave da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2000.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. O Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre et al. **O Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999.
- _____. **Semântica e Discurso** – uma Crítica à Afirmação do Óbvio. Trad. de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: EDUNICAMP, 1997.

SARGENTINI, Vanice et al. Discurso sobre o Trabalho e a Construção de Identidades. In: FERNANDES, Cleudemar Alves et al (orgs.). **Sujeito, Memória e Identidade**. Uberlândia: EDUFU, 2004. (p. 89-108).